

O Caminho do Amor

O Caminho do Amor

CAPITULO DEZ

Fe e Obras

Fe e Obras

Tiago faz uma pergunta que ecoou através dos séculos: «Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salva-lo?» E depois oferece um exemplo concreto: se um irmão ou irmã estiver nu e tiver falta do mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser «ide em paz, aquecei-vos, e fartai-vos» sem lhes dar o necessário, de que proveito isso?

A fé genuína se manifesta. Não permanece escondida no coração como convicção privada. Transborda em ações. «Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma», conclui Tiago. Não porque as obras nos salvem — Paulo é claro em que somos salvos pela graça mediante a fé — mas porque a fé verdadeira inevitavelmente produz fruto.

Jesus ilustrou isso com a parábola do juízo final. O Rei separa as ovelhas dos cabritos, e o critério não é doutrina correta nem presença em reuniões. É algo muito mais simples: «Tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me».

O assombroso é que os justos nem sequer lembravam de ter feito essas coisas. Não agiram para ganhar pontos nem para serem vistos. Simplesmente amaram — e ao amar o mais pequeno, sem saber, amavam o próprio Cristo. «Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes».

Paulo, o apóstolo da graça, também entendia isso. Depois de explicar a salvação pela fé em Efésios, imediatamente acrescenta: «Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas». Não somos salvos pelas obras, mas somos salvos para obras. E o propósito mesmo de nossa nova criação.

Como isso se parece na prática? Não necessariamente em gestos grandiosos. Jesus falou de dar um copo de água fria em seu nome. Falou da viúva que deu duas moedas pequenas. As pequenas fidelidades importam. A palavra amável ao desanimado. A paciência com o difícil. O tempo dado a quem precisa. A generosidade silenciosa que ninguém aplaude.

João resume com clareza meridiana: «Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade». O amor cristão não é sentimento que fica no coração. É ação que sai ao mundo. São as mãos e os pés de Cristo se movendo hoje, através de nós, em direção a um mundo que precisa desesperadamente ver esse amor encarnado.

A pergunta não é quanto podemos fazer — sempre haverá mais necessidade do que podemos cobrir. A pergunta é se estamos disponíveis. Se quando o Espírito impulsiona, obedecemos. Se quando vemos necessidade, respondemos. Não como carga pesada, mas como expressão natural do que Cristo fez em nós. Amamos porque ele nos amou primeiro. Damos porque ele se deu primeiro. Servimos porque ele veio para servir.